

ASSÉDIO MORAL NO TRABALHO DE ENFERMAGEM NOS SETORES QUE PRESTAM ASSISTÊNCIA AO PACIENTE CIRÚRGICO

Letícia de Lima Trindade¹; Vanessa Schorr²; Sergio Maus Júnior³; Úrsula Ritzel⁴; Jerusa Fumagalli Schaf Nunes⁵; Jéssica Costa Maia⁶;

¹ Orientador, Departamento de Enfermagem CEO – letrindade@hotmail.com

² Acadêmica do Curso de Enfermagem CEO – bolsista PIVIC/UDESC

³ Acadêmico do Curso de Enfermagem CEO – bolsista PIBIC/CNPq

⁴ Acadêmica do Curso de Enfermagem CEO – bolsista PIBIC/CNPq

⁵ Acadêmica do Curso de Enfermagem CEO – bolsista PIVIC/UDESC

⁶ Acadêmica do Curso de Enfermagem CEO

Palavras-chave: Violência. Saúde do trabalhador. Enfermagem.

Objetivo: analisar a ocorrência das situações de intimidação/assédio moral entre profissionais de enfermagem nos cenários do Centro Cirúrgico, Centro Obstétrico, Sala de Recuperação Pós-anestésica e Central de Material e Esterilização. **Metodologia:** trata-se de uma pesquisa exploratória e descritiva, com abordagem quantitativa, que pretende analisar as implicações da violência na saúde do trabalhador da equipe de enfermagem nos diferentes cenários de atuação. O estudo passou pela etapa da coleta de dados que teve início no mês de abril de 2015, sendo finalizada no mês de junho do mesmo ano. Esta etapa foi realizada no campo de trabalho dos profissionais, utilizando-se do *Survey Questionnaire Workplace Violence in Health Sector*, proposto pela Organização Mundial da Saúde, Organização Internacional do Trabalho e de Serviços Públicos e Conselho Internacional de Enfermagem¹, traduzido e adaptado para a língua portuguesa². O segundo questionário se constitui pelo *Maslach Inventory Burnout* (MBI)³ que procura identificar aspectos que desencadeiam a Síndrome de *Burnout* e que estão associados às relações e condições de trabalho. Neste momento, apresentam-se os resultados parciais referente ao cenário hospitalar, envolvendo setores que prestam assistência direta ou indireta ao paciente cirúrgico, sendo estes o Centro Cirúrgico, Centro Obstétrico, Sala de Recuperação Pós-anestésica e Central de Material e Esterilização, problematizando a intimidação/assédio moral. Nestes cenários, 43 profissionais de enfermagem participaram da pesquisa, entre eles enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem. Constituíram-se como critérios de inclusão ser profissional da equipe de enfermagem e que atuava há mais de seis meses no cenário hospitalar. Foram excluídos os profissionais que estavam em férias ou afastamento do trabalho por qualquer motivo. O estudo foi avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CAAE: 32263014.50000.5327), e está sendo realizado em outros três hospitais do Sul do Brasil. Além disso, a proposta foi encaminhada às instituições envolvidas, no sentido de formalizar a autorização para o desenvolvimento da mesma. **Resultados:** participaram da pesquisa sete enfermeiros, 32 técnicos de enfermagem e quatro auxiliares de enfermagem, resultando em um total de 43 profissionais. Deste total, 83,72% são do gênero feminino. A idade média dos entrevistados é de 40,5 anos (mínima de 23 anos e máxima de 64 anos). A cor da pele mais comum é branca, em um percentual de 67,44%, seguido da parda (25,58%) e negra (6,98%). O grau de escolaridade mais comum compreende o segundo grau completo, num percentual de 62,79%, seguido do terceiro grau completo (20,93%) e terceiro grau incompleto (16,28%). Os resultados apontam para uma média de 1,4 filhos entre os entrevistados. O tempo médio de experiência na área da saúde foi de 12,9 anos (mínimo de 8 meses e máximo de 34 anos). Dentre os entrevistados 17 atuam no Centro Cirúrgico, nove no Centro Obstétrico, 15 na Central de Material e Esterilização e dois na Sala de Recuperação Pós-

anestésica. Quanto ao turno de trabalho, 41,86% trabalham no período noturno, 37,21% trabalham no período vespertino e 20,93% no período matutino. Em relação ao aspecto da violência que se pretende apresentar neste momento, observaram-se ocorrências de intimidação/assédio moral entre 13,95% dos entrevistados (n=6), os quais referiram terem sido intimidados, humilhados, desqualificados ou desmoralizados de forma persistente em seu local de trabalho nos últimos 12 meses. Dentre estes, a média de intimidação/assédio moral foi de 3,5 vezes nos últimos 12 meses. Entre os profissionais que sofreram esse tipo de violência, quatro consideram que esta não é uma situação típica em seu local de trabalho, contudo dois participantes consideram como típica. Entre esta amostra, ao se considerar a última vez em que o profissional foi intimidado/agredido moralmente, cinco afirmaram que o agressor foi um profissional médico e um também membro da equipe de enfermagem. Em todos os casos de intimidação/assédio moral ocorreram dentro da instituição de trabalho. Ao se perguntar a reação dos profissionais diante do ocorrido, três relataram que não tiveram nenhuma reação, dois tentaram fingir que nada aconteceu, dois contaram para algum colega de trabalho, três pediram para a pessoa parar, um contou para amigos/familiares, e apenas uma pessoa registrou o evento. Em relação aos problemas vivenciados pelos profissionais em detrimento da intimidação/assédio moral, dois se sentiram extremamente incomodados por ter memórias, pensamentos ou imagens da agressão repetidas e perturbadoras e, um se sentiu bastante incomodado quanto a estes pensamentos. Mecanismos como manter-se alerta, vigilante, de sobreaviso ou constantemente tenso (a) depois do incidente foram utilizados por parte dos sujeitos, e cinco acreditam que o episódio poderia ter sido evitado. Todos os profissionais que sofreram intimidação/assédio moral indicaram que não foi tomada nenhuma providência diante do evento e o agressor não sofreu nenhuma consequência. Ao perguntar se o empregador ou supervisor ofereceu ajuda diante os casos de intimidação ou assédio moral, quatro afirmaram que estes não ofereceram ajuda, um relatou que lhe foi oferecido aconselhamento e um indicou outro tipo de suporte, que se baseou em um diálogo com o agressor. Do total de funcionários intimidados/assediados moralmente, três não relataram ou falaram sobre o incidente com outras pessoas, por considerar que de qualquer forma não seriam tomadas providências; por não achar importante o ocorrido ou porque ficou com medo das consequências negativas. **Conclusão:** evidenciou-se que na grande maioria dos casos a intimidação/agressão partiu de médicos, sendo que isso foi relatado por cinco do total de seis casos dessa violência entre a população em estudo. Percebe-se que poucos profissionais registram estes casos de violência, sendo que nessa representação apenas um entrevistado o fez. Outra preocupação com os dados encontrados se refere às providências tomadas diante destes eventos, pois em nenhum destes casos foi tomada alguma providência e os agressores não tiveram nenhum tipo de consequência, o que pode levar a continuidade da situação no âmbito de trabalho, bem como banalização deste tipo de violência entre os membros da equipe de enfermagem.

- 1) Di Martino V. **Workplace violence in the health sector** – country case studies (Brazil, Bulgarian, Lebanon, Portugal, South África, Thailand, and an additional Australian study); 2002.
- 2) Palácios M. Relatório preliminar de pesquisa. Violência no trabalho no setor saúde – Rio de Janeiro. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: http://www.assediomoral.org/IMG/pdf/pesquisa_sobre_Violencia_no_trabalho_Universidade_Federal_RJ.pdf. Acesso em: 10 mar. 2014
- 3) Maslach C, Jackson S. The measurement of experienced burnout. **Journal of Occupational Behavior**. 1981; 2(1): 99-113.